

O autor, que recentemente lançou a tradução comentada da obra póstuma de Freud, *Projeto de uma psicologia*¹, oferece-nos em *Freud - Racionalidade, sentido e referência*, uma minuciosa e exaustiva pesquisa dentro da obra freudiana. Percorrendo o período que se inicia aproximadamente em 1886 e se estende até 1919, Osmyr Faria Gabbi Jr. estuda a correspondência de Freud com Fliess, Abraham e Jung, alguns casos clínicos e obras como *Estudos sobre a afasia*, *Estudos sobre a histeria*, *Totem e tabu* e o próprio *Projeto para uma Psicologia científica*. Paralelamente, valendo-se dos contornos filosóficos da modernidade, Osmyr propõe o estudo da teoria da significação na obra freudiana.

Freud: a procura de uma origem

Resenha de Osmyr Faria Gabbi Jr.,
Freud - Racionalidade, Sentido e Referência,
Campinas-SP, Unicamp, 1994, 230 p.

A questão contida neste livro é uma concepção de linguagem que existiria na obra de Freud, segundo a qual as palavras seriam pensadas como nomes próprios (substantivos). E substantivos distinguem os objetos, mas não lhes conferem propriedades, o que é especificidade dos adjetivos. Tal concepção - assimilar à função dos nomes somente a denotação, excluindo a conotação - resultaria na busca de um referencial externo, extra-lingüístico, que "funcionaria como um universal", com a finalidade de fundamentar cientificamente a obra. Compreensível para a época, essa teoria é no entanto insatisfatória para as reflexões atuais sobre a linguagem.

Apoiando-se nas teses dos atos irracionais de Davidson, o autor mostra como, em Freud, as produções inconscientes, sejam sonhos, sintomas, fantasias ou produções culturais, pensadas como "desvios, ocorrências de saltos na concatenação dos pensamentos, de transgressões das exigências de ligação lógica" (p.191), são próprias dos atos da fala. Mostra, também, que as perturbações de sentido decorrentes dos mecanismos de deslocamentos e condensações se desfazem no momento em que o "agente" - o falante - reencontra o sentido até então encoberto para ele.

Para Osmyr, o grande equívoco seria a preocupação de Freud com as garantias de que o analista-intérprete não elaborasse interpretações arbitrárias, sugestivas, intencionais. Movido por essa preocupação, ele teria buscado fora da linguagem o referente "ao mesmo tempo,

sexual, moral e universal" e, ao adotar estes pressupostos, ter-se-ia visto diante da exigência de criar dispositivos para estabelecer tais distinções.

Dessa forma, por um lado, as palavras ganharam a função precípua de nomear sensações corporais. Por outro lado, conceitos fundamentais de sua teoria, como o Complexo de Édipo, a noção de fantasia, as formações sintomáticas, que demonstravam justamente o caráter intencional, polissêmico, sobredeterminado dos atos da fala, foram submetidos a uma busca de origem, capaz de referenciá-los.

Osmyr nos diz, entretanto, que "no interior da própria teoria freudiana há elementos para abandonar a busca por uma origem perdida" (p. 189). A própria noção de inconsciente já continha um recurso original: ao introduzir a nova relação do sujeito consigo

mesmo em terceira pessoa, demarcava-o em sua diferença com o Eu e com a consciência. Caso prosseguisse nesse eixo, porém, Freud encontraria inúmeras dificuldades. Uma delas seria estabelecer, primeiramente, critérios de distinção entre as sensações e as representações.

Neste percurso, Freud não estava só. O autor atribui a concepção referencialista da linguagem - além da visão naturalista freudiana - à noção de representação pertencente a uma tradição filosófica da época, segundo a qual um termo lingüístico ganha sentido na medida em que duas modalidades representativas se associam. Ou seja: nomear um fluxo de sensações constantes equivaleria a sintetizá-las e organizá-las.

Nas duas publicações do filósofo empirista inglês John Stuart Mill, *System of logic* e *An examination of Sir William Hamilton's philosophy*, citadas no texto de 1891 de *Estudos sobre a afasia*, Osmyr encontrou profundas semelhanças entre as noções de representação de objeto e representação de palavra presentes em Mill e as da obra freudiana.

A seu ver, a influência de Mill foi decisiva para nortear a construção da teoria da significação de Freud. O qual, entretanto, teria se equivocado ao não considerar a possibilidade de incluir os adjetivos nessa nomeação, ficando apenas com os substantivos. Privilegiar a denotação levou-o a procurar fora da linguagem uma origem, visando responsabilizá-la pelos "aparentes" atos irracionais do homem. As conseqüências foram problemáticas: Freud empreendeu uma busca incessante de fatos extra-lingüísticos nos quais pudesse ancorar a origem e o sentido enquanto referentes de toda manifestação inconsciente.

Assim, tanto no período de estudos neurofisiológicos (ao qual pertencem os temas de *Estudos sobre a afasia* e o *Projeto de uma psicologia*), quanto no da construção de mitos, de hipóteses filogenéticas, ou mesmo no da teoria da libido, Freud teria consagrado grande esforço em não abandonar a teoria da correspondência entre nome e referente. Para o autor, ao agir desse modo Freud procurou manter a psicanálise fora do campo da sugestão, a fim de garantir seu caráter científico.

Osmyr deixa claro que sua reconstrução da teoria freudiana só abrange um período: "Não fizemos nenhuma alusão à nova tópica ou às noções de pulsão de vida e de morte. O motivo desse silêncio

é metodológico. Consideramos que a leitura proposta é razoável até a publicação de *Jenseits des Lustprinzips*. Com a introdução da noção de compulsão à repetição, a questão da racionalidade parece modificar-se radicalmente" (p. 220).

O autor oferece ao leitor uma forma inédita de pensar as propriedades da linguagem na obra freudiana. Afasta-se dos estudos preconizados por Lacan e seguidores e concentra-se sobretudo na concepção de linguagem proposta pela Filosofia Analítica, encontrada em autores como Tugendhat, Wittgenstein, Austin, Davidson etc.

Osmyr dedica à obra de Freud um olhar atento. Não pretende cercar a psicanálise com intenção de levá-la a um beco sem saída. Pelo contrário, busca livrá-la da exigência cientificista, abrindo-a para a pluralidade da vida humana, preocupado em realizar um trabalho crítico descritivo para

pensarmos a arquitetura do campo conceitual psicanalítico. Trata-se, por isso, de leitura de difícil penetração.

Como afirmei, a função que a palavra adquire para Freud apresenta-se como um dos fundamentos do livro. Coloca em debate, entre outros, um assunto de candente atualidade: a noção de representação em Freud. São ao todo cinco capítulos que inegavelmente revitalizam o texto freudiano. Um estudo precioso para aqueles que se propõem a pensar a psicanálise livres de qualquer preconcepção. Sem dúvida, impõe um avanço nessa discussão.

NOTAS

1. S. Freud, *Projeto de uma psicologia*, tradução de Osmyr F. Gabbi Jr., Imago, 1995, Rio de Janeiro.

Marilúcia Melo Meireles de Alencar é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientie